

# LITERATURA BRASILEIRA: MODOS DE USAR, DE LUÍS AUGUSTO FISCHER

André Ribeiro da Silva <sup>1</sup>

Shirlei Marly Alves <sup>2</sup>

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Brasileira: modos de usar*.  
Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

LUÍS AUGUSTO FISCHER, nascido em 1958, é mestre e doutor em Letras pela UFRGS, atuando como professor de Literatura Brasileira na mesma instituição. Em *Literatura Brasileira: modos de usar*, Fischer propõe-se a auxiliar o leitor inexperiente a situar-se no contexto do estudo e da apreciação da literatura nacional. Essa obra contempla muitos aspectos da trajetória do espírito literário brasileiro, e toda a abordagem construída pelo autor demonstra estar afinada com esse propósito. As nuances metodológicas da sociologia, da história e da teoria literária formam um texto conciso que se distancia da linguagem acadêmica e, com isso, estabelece um vínculo com um número ampliado de leitores.

Excetuando a apresentação e a despedida, o livro é organizado em 14 capítulos, que seguem majoritariamente uma ordem cronológica. O leitor também pode consultar dois anexos ao final do livro – um quadro de referências da história da literatura brasileira e um glossário crítico dos termos mais comuns nesse campo. A progressão descritiva presente na obra é bastante perceptível, e a assertividade no trato das tradições literárias brasileiras garante um texto fluido.

O autor expõe as principais problemáticas da história da literatura brasileira. Na abordagem sobre a questão do regionalismo, presente no capítulo 8, por exemplo, Fischer discorre sobre o estigma da identificação do mundo rural com o atraso, o que, segundo ele, pôde ser superado com o despertar crítico propiciado por obras como as de Graciliano Ramos, que conciliou a consciência crítica com a representação universalista desse mundo. Na reconstrução desses dramas do fazer literário nacional, residem os pontos de encontro da interdisciplinaridade da obra.

---

1 Aluno do curso de Licenciatura Plena em Letras pela UESPI - Campus Clóvis Moura.

2 Docente do curso de Licenciatura Plena em Letras pela UESPI - Campus Clóvis Moura. Doutora em Linguística.

Fischer, ao tratar de uma tradição literária específica, retoma pontualmente outras. Isso é feito não a título de mera comparação, mas seguindo uma orientação funcional cujo objetivo é sugerir um senso de continuidade histórica. O autor também aborda cada escola literária em seus ânimos e contradições internas. No capítulo 3, quando descreve o esmero da técnica parnasiana, também descreve sua distância asséptica da realidade social. Quando descreve a ousadia e a criatividade do vanguardista, no capítulo 5, inclui a consideração de que a vanguarda pode significar uma postura de “deslumbramento caipira” para com as novidades da metrópole.

Alguns capítulos não tratam necessariamente de tradições literárias em si, mas da persistência de inconsistências formais inerentes ao devir dessas tradições. A ausência de uma linguagem representativa da cultura brasileira, por exemplo, é descrita nos capítulos 10 e 11. Um pouco antes, no capítulo 6, o autor trata da instabilidade das posições e identidades do *eu narrador* e do *outro leitor*, sobre o qual se fundamentaram os romances de memórias em diferentes momentos da história brasileira.

Importante destacar que Fischer não restringe sua obra ao domínio da literatura, uma vez que o objetivo também é familiarizar o leitor com a produção intelectual no âmbito dos estudos em humanidades. Por essa razão, em grande parte da obra, o autor cita nomes como o de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr, entre outros. Todas essas produções intelectuais são articuladas a fim de oferecer um panorama dessas tendências em certos períodos históricos. Inclusive, no capítulo 1, a obra de Fischer demonstra como as narrativas ficcionais anteciparam os estudos sociais no Brasil, já que as universidades chegaram tardiamente no país. Esse aspecto do trabalho com a realidade moldou a literatura brasileira, sendo *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, um caso notório.

Os gêneros menores também recebem atenção do autor no capítulo 7, ao tratar das crônicas e da canção popular, gêneros com que a cultura nacional mais buscou sua expressão. Como Fischer raciocina, isso é resultado principalmente da tendência brasileira de retratar o cotidiano nas artes. Nesse sentido, a bossa nova foi um dos momentos culminantes, com João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes.

O autor não elide suas preferências quando se trata de fazer comentários sobre determinados autores e tendências literárias. Suas críticas ao parnasianismo são notáveis, e sua admiração por autores como Machado de Assis e Guimarães Rosa é evidente. Apesar dessas demonstrações pontuais de suas inclinações, Fischer transparece moderação e mantém o foco objetivo de sua exposição. A presença de certo comprometimento em dispensar o preciosismo na linguagem é constante na obra, o que deixa clara sua recusa de subestimar o leitor, por isso, não há momentos de hesitação no livro. A experiência então se torna prolífica, e o leitor pode tomar conhecimento das principais figuras e dos processos decisivos da literatura brasileira, incluindo considerações relevantes sobre a música popular, o teatro e a teledramaturgia.

Por sua riqueza de informações sintetizadas de forma crítica e eficiente, essa obra pode representar uma excelente porta de entrada para os acadêmicos iniciantes de Letras aos principais problemas trabalhados no estudo da história da literatura brasileira.